

40 ANOS DE

ABBEY ROAD N

Como atravessar uma rua de quatro.

BETO VIANNA
NIGÉRIA

LADO UM - RUA DO ABADE, 69

Vem logo atravessar a rua sobre mim. Do outro lado, uma década de admiráveis conquistas humanas (a lua ficou deste lado), como a apoteose brasileira do futebol, o milagre, a crise do petróleo, as mãos de Victor Jara, a revolução dos cravos, the gates of delirium and the dark side of the moon.

Alguma coisa me diz que Abbey Road, gravado em estúdio de mesmo nome, logradouro de mesmo nome, locação idem da foto de capa, foi a última coisa boa que aconteceu do lado de cá da rua. O último ano dos anos 60 é uma desviravolta no pensamento ocidental: as cabeças, que pareciam mudadas, foram logo cortadas. Após 68 o ocidente devia parar pra pensar e, no entanto, parou de pensar, recolheu-se. Se o ano de Zuenir Ventura não terminou, 1969, no livro de Rob Kirkpatrick, é “o ano em que tudo mudou”. Mudou? De fato, american dreams como o divórcio sem culpa, Woodstock e o transplante de coração anunciam delícias da nova era. Mas a continuidade era soberana. A reportagem da Time sobre o massacre de My Lai, afora fazer John devolver sua medalha da ordem britânica, não é nenhuma ruptura: é o antigo mito da liberdade ocidental de expressão, mordada duas vezes emudecedora, pois acostuma os olhos e entope os ouvidos. A mudança vem de outra parte. Do alto de um telhado londrino, eles fazem o último concerto, e não se ouve a histeria dos fãs. A música límpida incomoda, e a

polícia, tradicional cordão de isolamento do quarteto, agora está ali para romper o show. E rompe.

O martelo prateado de Maxwell e suas quatro equações fazem de cada Beatle um teorema: 1) a ausência experimental de cargas magnéticas (o apagado Ringo); 2) cargas elétricas produzindo campos elétricos (o ligado John); 3) correntes elétricas produzindo campos magnéticos (o atrativo Paul); 4) e variações de campo magnético produzindo campos elétricos (o transcultural George). Esse é o ambiente relacional negativamente carregado dos Beatles em 1969, ano de brigas intermináveis e a tumultuosa gravação de Let it be (porém, segundo Samuel Rosa e eu, “o disco mais negão dos Beatles”). Por isso, em cada canção bem cuidada, na beleza de cada musical detalhe, Abbey Road é um tributo a nós todos, o carinhoso legado do quarteto que, num último esforço conjunto, presenteia o mundo com a promessa de redenção.

Oh, querida! Do outro lado acaba o sonho e ainda havia tanto por fazer! Os Beatles fizeram: sua pequena mas saborosa parte. Em George doía a empresa Maça, transformada num inverno burocrático, e em vez de lamentar, compõe uma flor de canção nos jardins de Eric Clapton: há, sobretudo, o sol brilhando lá fora. Ringo trilha a mesma linha e canta uma ode ao amor feito com calma e sem medo num paraíso oceânico. Ouvir nessa canção as guitarras de George e John, o backing vocal de Paul e George, a levada ao mesmo tempo suave e contagiante dos quatro, contrasta a generosidade musical dos Beatles com a hipocrisia ao redor. Nesse disco-presente pro mundo, Lennon & McCartney colocam umas tantas vaidades de lado (John viciado no próprio gênio, Paul incurável de beatlemania) e com-

põem uma ópera-rock, semente do arborescente rock progressivo da década vindoura. Abre com uma crítica à ganância e termina... bem, com um fim. Mas é um fim exclamativo, questionador, germinativo: “O amor que você recebe é igual ao amor que você faz”.

O jardim do polvo se abre a tentáculos de possibilidades. Planta-se aí o que se quer, e hay que ser responsável pelo resultado. É na boa semente, a gravação bem cuidada de composições geniais, que Abbey Road está na contra-mão das intenções jardineiras de outros personagens de 69. E são nas flores já maduras, a obra (e as tradições musicais que brotaram da obra), esse manifesto visceral à beleza, que Abbey Road está na contra-mão das consequências jardineiras de boa parte do resto do ocidente.

Eu quero você pensando a data de 20 de agosto de 40 anos atrás (ela é tão pesada!). Nela reunem-se os Beatles pela última vez em estúdio, para lançar, em setembro (outubro nos EUA, sempre atrasados no tempo), o disco mais importante da história do disco. Caetano Veloso dá essa honra a Sgt. Peppers, mas isso é só a tentativa caetana de não deixar o Tropicália, também sessentanovesco e contracultural, ser eclipsado por Abbey Road. Amordaçado por 1969, Caê faz as malas para Londres, e lá estaria em 20 de agosto, mas não na mesma rua. Na mesma data e estúdio estavam os Floyds, que nos mostrariam a banda escura da lua - tão pisoteada em 69 -, mas só na década seguinte.

LADO DOIS - ANOS 70 E ALÉM

Aqui vem o sol da nova década, depois de um longo e solitário inverno. Não, o sonho não acabou. Agora a



virada começa, pois não basta a cabeça nas nuvens pra sonhar. É quando o céu desaba sobre nossas cabeças que elas se abrem, por impacto, como a rachadura produtiva na testa de Zeus, cuspidor pro mundo a sábia Atena. Nas Minas Gerais, clubes de esquina buscam o ouro, querem ser ocidentais como os outros (ninguém vai saber, mesmo). Os Yesses cantam que logo a luz irá se insinuar, acalmado a infundável noite.

Porque o mundo é redondo, gira o eterno retorno do sonho, e ao atravessarmos a rua, há revolta do outro lado. Porque o céu é azul, nem por isso faz chorar ou resignar, como a fase de Picasso, mas ainda assim é um blues, forte de tristezas narradas, prenhe de revolução. Porque o vento é forte, ele balança certezas mesquinhas,



as vontades de posse, e deixa firme (mas mais arejado) o desejo bem plantado de um mundo novo em folha.

Você nunca me dá seu dinheiro, mas agora a conversa é outra: todo aquele sentimento mágico amadurece suas crianças exploradas, e em breve você terá que se sentar à mesma mesa de negociação. Lá vem o Rei Sol, todo mundo está rindo... e o império contrata. O malicioso Sr. Mostarda, gás queimando nossos pulmões, cegando as mentes caladas e... Pam! Um polietileno saco de supermercado, leve, transparente e barato é enfiado sobre nossas cabeças, asfixiando o mundo e... Atenção! Ela entrou pela janela do banheiro! Cochilos dourados do Imperador e a rebeldia retorna por onde menos se espera. Durma, meu bem, e não chore. Você ainda vai carregar esse peso por muito tempo, mas vai valer a pena, afinal: o que vai acabar é a velha ordem social. O fim.

Sua Majestade Abbey Road que me perdoe.



Democracia se faz com transparência. E com a sua participação.



ASSEMBLEIA DE MINAS
O Poder do Cidadão
www.almg.gov.br

Participar democraticamente das discussões e decisões que influenciam diretamente a sua vida é um direito de todo cidadão. A Assembleia de Minas facilita a participação popular, mostrando com transparência o trabalho parlamentar e oferecendo respostas mais rápidas à sociedade. Seus canais de comunicação estão abertos à manifestação do cidadão, além de levar informação, promover debates e conscientização política, divulgar a cultura e a memória de Minas. Dois bons exemplos são a TV Assembleia e o portal na internet.